



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande. *Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.* De 11 a 19 de março de 2024. Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

MAPEANDO SABERES: AUTOGESTÃO TERRITORIAL NO ASSENTAMENTO PADRE CLEIDES

Maurício Gonçalves de Sousa¹; Ana Carolina Viana²; Maria de Fátima Carlos de Oliveira³; Matheus Gouveia⁴; Mara Edilara Batista de Oliveira⁵
mara.edilara@professor.ufcg.edu.br

Resumo: O projeto “Mapeando Saberes” nesta edição teve como objetivo mobilizar e coordenar espaços de troca de saberes com uso de geotecnologias na busca do fortalecimento e autonomia territorial da comunidade do Assentamento Padre Cleides, Santa Helena - PB. A equipe promoveu espaços de aprendizagem, em uma rica troca de saberes, entre universidade e comunidade, que teve como um dos resultados a elaboração de um mapa de autogestão territorial.

Palavras-chaves: Autogestão, Automapeamento, Cartografia Social; Geotecnologias.

1. Introdução

O projeto de extensão “Mapeando Saberes: Geotecnologias aplicadas a autogestão territorial por meio de processos de ensino e aprendizagem no semiárido”, emerge como uma iniciativa que busca combinar as possibilidades das geotecnologias com a busca pela autogestão territorial no Assentamento Padre Cleides, localizado na zona rural da cidade de Santa Helena no sertão da Paraíba.

O Assentamento Padre Cleides, foi criado em 15 de setembro de 2010, por meio da desapropriação da Fazenda Saco, com uma área de aproximadamente 1.030ha pertencente ao latifundiário Romualdo Rolim. Em 8 de dezembro de 2008 foi declarada como interesse social para fins da reforma agrária. A conquista territorial da área foi coordenada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT-Sertão), parceira desse projeto.

A luta pela terra dessa comunidade teve início com um grupo de 25 famílias que erguem suas

barracas de lona na entrada da Fazenda Saco, permanecendo por 1 ano e 9 meses. Em setembro de 2010, recebem posse da terra, com o nome Assentamento Padre Cleides⁶. Atualmente, a comunidade é composta de 18 residências, 01 capela, 01 sede para a associação, 04 açudes, áreas de plantação, áreas de criação de animais e áreas de preservação. Os assentados desenvolvem a agricultura camponesa e familiar com plantações de milho, feijão, frutas e hortaliças que auxiliam no sustento das famílias [1].

O Grupo de Pesquisa CARTONOMIA já vinha promovendo desde 2019 experiências cartográficas que combinam o uso de geotecnologias para a resolução de conflitos territoriais junto a comunidades marginalizadas no estado do Rio de Janeiro. Ao chegar na UFCG esse grupo se une ao Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Territorial – NEDET/CFP. Já a nossa parceria (NEDET-CARTONOMIA) com essa comunidade nasce de uma demanda da CPT e da própria comunidade na busca de dar visibilidade às práticas já existentes no assentamento, assim como também promover novas ações que contribuam com o desenvolvimento territorial da comunidade.

Diversas iniciativas de mapeamento como essas, que se propõem a incluir populações locais nos processos de produção de mapas disseminaram-se, em todo o mundo, especialmente a partir dos anos 1990. São comunidades em situação de conflitos, que vêm produzindo seus próprios mapas, retratando seu cotidiano, suas referências, numa base cartográfica [3]. Atualmente coexistem diversas experiências que propõem uma iconografia alternativa à das convenções cartográficas consideradas oficiais, e que questionam não apenas “o que se representa”,

¹ Estudante de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

² Estudante de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

³ Estudante de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

⁴ Coordenador/ Professor, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

⁵ Coordenadora/ Professora, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

⁶ Homenagem ao Padre Domingo Cleides Claudino, residente na cidade de Uiraúna, é um grande colaborador na luta pela terra

mas também “como e por que se representa”, investindo em símbolos e ícones de valor simbólico e político (dimensões indissociáveis) para cada grupo. Essas experiências são fruto de um movimento “desde baixo”, ou seja, de movimentos subalternos que foram de alguma forma marginalizados por esse modelo de desenvolvimento.

No caso do Assentamento Padre Cleides, área destinada a Reforma Agrária, os conflitos que a comunidade vive são diários e atingem diretamente a sua forma de vida, tais como: adaptação a uma terra que é totalmente nova para eles; a convivência com o semiárido e a falta de água disponível na proximidade em tempos de estiagem; a resistência da família que teve a terra desapropriada que os perseguiu e os difamou na cidade; o preconceito das pessoas do município de Santa Helena que os consideram “invasores de terras”; entre outros.

Dessa forma, no caso desse projeto, ao mapear e valorizar os saberes locais, não estamos apenas valorizando a identidade cultural da comunidade, mas também promovendo a construção de soluções adaptadas às suas realidades específicas. Contribuindo para uma gestão eficiente dos recursos naturais, assim como também o fortalecimento da comunidade em relação aos desafios climáticos, econômicos e sociais.

Diante do contexto apresentado, a utilização de geotecnologias e metodologias geográficas específicas revelou serem essenciais para compreender e intervir nos processos territoriais. Mediante isso, o projeto propõe democratizar o acesso ao conhecimento dessas tecnologias, em um rico espaço de troca de saberes entre comunidade e universidade.

2. Metodologia

O campo da Cartografia Social tem lançado mão de diversas metodologias participativas na produção de automapeamento / contra mapeamentos / mapeamentos participativos que tem como objetivo proporcionar a comunidades marginalizadas, que não tiveram acesso a tecnologias e outros saberes científicos, produzirem mapas dos seus territórios.

Além disso esses mapeamentos buscam desconstruir uma ideia consolidada de mapa onde a linguagem apresentada não consegue ser apreendida pelos próprios sujeitos do território mapeado. Mais do que isso, esses mapas têm possibilitado processos de autogestão dos seus territórios.

A partir desses pressupostos, a metodologia de atuação desse projeto consistiu em proporcionar à comunidade do Assentamento Padre Cleides espaços de trocas de saberes seja entre eles mesmos, seja entre eles e a comunidade acadêmica. Esses espaços de aprendizagem ou de troca de saberes, foram mediados pelo objetivo da construção de um mapa do território do Assentamento, com o uso de

geotecnologias e outras técnicas de pesquisa próprias da Geografia, como o trabalho de campo, e a produção de mapas em SIG's. Para isso organizamos esses espaços de trocas de saberes em oficinas, trabalho de campo, e atividades em laboratório, as quais foram sistematizadas da seguinte forma:

Oficina 01 - Sensibilização e aproximação das comunidades (conhecer saberes, práticas, demandas e conflitos).

- Atividades realizadas nessa etapa: “contação da história” das comunidades (metodologia da história oral a ser realizada com as pessoas mais antigas das comunidades); linha do tempo das comunidades atendidas; apresentação e discussão de audiovisuais que estimularam a comunidade a pensar e problematizar o território.

Oficina 02 – Conhecendo outras experiências de cartografia social junto à comunidade, formando multiplicadores dessas metodologias e estimulando processos cartográficos.

- Atividades realizadas nessa etapa: apresentação de fascículos, mapas, e outros materiais frutos de outras cartografias sociais já produzidas no Brasil; foram também exibidos vídeos que demonstram o processo cartográfico como documento na luta por direitos e políticas públicas;

Oficina 03 - Produção de croquis da comunidade.

- Atividades realizadas nessa etapa: os croquis, mapas desenhados a mão, devem ser construídos de forma coletiva pela comunidade; discutir o que entra e o que não entra no mapa, por exemplo, é um processo de conhecer o território de forma coletiva, proporcionando a visibilidade das potencialidades da comunidade;

Oficina 04 - Análise de imagens de satélite referentes ao território da comunidade (Ferramenta: Google Earth);

- Atividades realizadas nessa etapa: esse é o primeiro momento de visualização do território por meio de imagens de satélite junto com a comunidade, aproveitamos esse espaço para elencar junto à comunidade práticas e usos do território que eles consideram importante para o fortalecimento do Assentamento.

Trabalho de Campo 01- coleta de dados e informações:

- Atividades realizadas nessa etapa: nos dividimos em grupos compostos por pessoas da comunidade e extensionistas e visitamos espaços e práticas que foram elencados pela comunidade na oficina de análise de imagens de satélite. Aproveitamos para capturar imagens com o uso de Drone e marcar pontos com o uso de GPS.

Oficina 05 - Definição dos ícones do mapa e das legendas entre as comunidades.

- Atividades realizadas nessa etapa: um importante diferencial da cartografia social é a representação por meio de símbolos pouco convencionais nas chamadas cartografias “oficiais”.

Geralmente são escolhidos, pelos membros das comunidades, representações dos espaços/práticas/saberes/conflitos, fizemos isso por meio de uma oficina de desenho com as crianças da comunidade, que desenharam espaços e práticas já elencados pela comunidade;

Atividade em laboratório 01 - Compilação dos pontos no ArcGis ou QGIS.

- Atividades realizadas nessa etapa: essa etapa é feita na universidade pela equipe de trabalho. Compilamos os pontos coletados pelas comunidades em um Sistema de Informação Geográfica – SIG e analisamos a melhor base cartográfica para a representação dos mapas;

Atividade em laboratório 02 - Vetorização dos ícones (elementos da legenda do mapa);

- Atividades realizadas nessa etapa: a equipe digitalizou os ícones desenhados a mão durante as oficinas de croqui e os inserimos como ícones dos mapas na versão georreferenciada;

Oficina 06 – Apresentação do primeiro esboço do mapa:

- z• Atividades realizadas nessa etapa: nesse momento retornamos com o primeiro esboço do mapa georreferenciado em SIG para apresentar à comunidade, explicar todo o procedimento que foi realizado na universidade pelo grupo de pesquisa. E a partir disso são escolhidos os ícones pelos sujeitos que se autocartografam;

Oficina 07 – Apresentação e discussão dos resultados de toda a experiência cartográfica:

- Atividades realizadas nessa etapa: rodas de conversa para análise e debate em torno dos resultados, para além do mapa, da experiência cartográfica junto à comunidade;



FIGURA 1: A aluna Maria de Fátima coordenando a oficina de revisão do mapa

Essas etapas tinham como fio condutor a produção do mapa da comunidade, mas acabou gerando um processo de autogestão territorial, proporcionado pela visualização dos usos desse território e das discussões em torno das demandas futuras para a comunidade.

O mapa elaborado nesse processo foi o “Mapa da Cartografia Social do Processo de Autogestão

Territorial do Assentamento Padre Cleides”, o mesmo foi pensado também esteticamente em aproximar a comunidade do seu território, para isso coordenamos oficinas de desenhos com as crianças que acompanhadas dos seus responsáveis desenhavam elementos e práticas da comunidade. Essas imagens foram trabalhadas em laboratório pelos extensionistas e inseridas como legendas do mapa, o que permitiu uma maior apropriação do mesmo pela comunidade.

Entretanto, os resultados desse projeto foram muito além da produção do mapa em si, os encontros com a comunidade, e da comunidade com eles mesmos, trouxeram resultados voltados ao planejamento do uso e de práticas da comunidade nesse território, permitindo a comunidade, ao elencar esses usos e práticas em imagem de satélite e em formato de mapa, visualizar a multiterritorialidade presente no Assentamento, mobilizando a comunidade a pensar projetos futuros e em coordenar usos atuais, o que estamos chamando de autogestão territorial.



FIGURA 2: Prof. Matheus Gouveia, mostrou à comunidade a visualização da área através do drone.

3. Resultados e discursões

A cartografia social vem se mostrando ao longo dos anos uma metodologia eficaz na busca para dar visibilidade aos grupos sociais menos favorecidos. Apesar de suas distinções conceituais e metodológicas, a cartografia social pode ser entendida como a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisões [2].

Vários foram os resultados desse processo colaborativo como: a apropriação da comunidade do uso de geotecnologias; a participação efetiva da comunidade na elaboração e leitura do mapa do seu território; a promoção de um processo de autogestão territorial por meio de troca de saberes; a elaboração de um mapa de autogestão territorial; entre outros.

Sobre o mapa resultado desse processo vale ressaltar que ele representa não somente as instalações físicas, mas como também incorpora os usos, práticas e saberes locais. Por exemplo, ao escolher um local adequado para exercer a apicultura⁷, mas como também contém a percepção dos moradores e as relações sociais no qual moldam o território.

FIGURA 3: Prof. Mara Edilara conversando com a comunidade.



À dimensão participativa do processo de produção de um mapa, agrega-se um aspecto concernente a própria forma como o mapa é construído, a metodologia participativa, “onde os sujeitos coletivos, que conhecem e vivenciam os impactos negativos das atividades degradadoras existentes em suas localidades, identificam os conflitos e constroem o mapeamento [3].

Após a conclusão do mapa em laboratório retornamos à comunidade para revisão e avaliação do mesmo. Aproveitamos ainda o momento para realizar atividades de leitura e interpretação de mapas, exercitando a apropriação do documento pela comunidade. A recepção positiva em relação ao mapa produzido pela comunidade, assim como de sua leitura, se demonstrando assim enquanto uma ferramenta de autogestão territorial, afirma o poder transformador dessa metodologia e do impacto significativo que pode ter na vida dessas pessoas.

4. Conclusão

Compreendemos que a universidade, por meio da extensão, e sob os pilares do ensino e da pesquisa, pode contribuir diretamente com a redução de uma dívida histórica da nossa sociedade com comunidades marginalizadas que não tiveram acesso as tecnologias e demais conhecimentos que

contribuem diretamente para planejamento e gestão de territórios coletivos como os Assentamento Rurais de Reforma Agrária. A desigualdade social, que distribui espacialmente de forma desigual a riqueza, é ainda mais desigual no espaço rural, o que caracteriza o nosso Semiárido com uma forte concentração fundiária e a negação de direitos sociais básicos, trazendo à tona uma série de conflitos territoriais e o desafio de se recriar enquanto camponês em uma sociedade que não os reconhecem enquanto classe.

Na busca pela redução dessas desigualdades, devemos colocar à disposição desses Povos as tecnologias, nesse caso as geotecnologias, que lhes são de direito e que podem contribuir diretamente com a recriação desse campesinato. Entendemos que um dos primeiros passos nesse tempo-espaço assentamento é o de conhecer as potencialidades dessas famílias, que podem ser diversas, mas que irão compor uma resistência que é coletiva.

Acreditamos que ao construir espaços de troca de saberes e de mapeamento de suas práticas, por meio de oficinas, reuniões, trabalhos de campo na comunidade, sempre pensando em estimular processos de autogestão territorial com o uso de geotecnologias, essas famílias podem fortalecer os processos de resistência camponesa, focando em suas potencialidades enquanto grupo. Os mapeamentos participativos/sociais e colaborativos têm sido utilizados pela ciência geográfica junto a comunidades marginalizadas na busca de contribuir com a redução dessas desigualdades. As ferramentas cartográficas e geotecnologias tem se mostrado importantes ferramentas na busca dessa autogestão territorial, conduzindo a própria comunidade a conhecer suas potencialidades colaborando com a construção de projetos futuros e o fortalecimento enquanto grupo frente ao processo de desenvolvimento desigual do capitalismo.

O projeto em sua realização evidenciou o poder da cartografia social, como uma ferramenta metodológica eficaz. O mapa não é apenas uma representação geográfica, mas também um símbolo de identidade, pertencimento, carregado de valores e ideologia, aspirações e desafios da comunidade. Estamos gratos pela colaboração e pelo apoio contínuo da comunidade ao longo deste processo e

⁷ A apicultura consiste na criação de abelhas exóticas (*Apis mellifera*) com o objetivo de produzir mel, própolis, geleia real, pólen e cera de abelha.

esperamos que o mapa sirva como uma ferramenta de planejamento e gestão da comunidade.



FIGURA 4: Mapa da cartografia social do processo de autogestão do Assentamento Padre Cleides, Santa Helena-PB

5. Referências

[2] ACSELRAD, Henri. Rodrigo Nuñez Viegas (et. al.) **Cartografia Social, Terra e Território**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2013.

[3] DOS SANTOS, Renato Emerson. **Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder**. Anais XII Colóquio Geocrítica. Bogotá, p. 1-16, 2012.

[1] ESPEGO, Wirnaide Maria Rolim. **Relação de gênero e construção do território camponês: a organização das mulheres do Assentamento Padre Cleides, santa Helena-PB**. 2017. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em geografia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2017.

GIRARDI, Giseli. Mapas Desejantes: uma agenda para a cartografia geográfica. In: **Revista Proposições, Campinas-SP, Vol.20, N. 3 (60)**, Pag. 147-157, 2009.

GIRARDI, G. Leitura de mitos de mapas: um caminho para as relações entre Geografia e Cartografia. In: **Revista Geografares**, 2000; 1(1) p. 41-50.

HARLEY, J. Brian. Mapas, saber e poder. In: **Revista Confns**, nº. 5. (jan./jun. 2009). Disponível <<http://confns.revues.org/index34html>>. Acesso em 24 de agosto de 2009.

OLIVEIRA, Mara E B de. Cartografia social. In: MONTEIRO, Licio Caetano do Rego; NOBRE, Domingos Barros. OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de (Orgs.).

Caderno Pedagógico para Projetos de educação escolar diferenciada e

Intercultural: a produção do Guia Turístico Local nas Escolas Municipais Martin de Sá, na Praia do Sono e Cajaíba, no Pouso da Cajaíba. Parceria: UFF, Projeto Ojumoran, OTSS, FCT, e PME-Paraty, 2017.

SANTOS, Dorival dos. Cartografia Social: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia. In: **InterEspaço**, Grajaú/MG, v. 2, n. 6, p. 273-293, maio/ago. 2016,

Agradecimentos

Expressamos a nossa sincera gratidão a toda comunidade Assentamento Padre Cleides, pela recepção calorosa, pela participação ativa e generosa partilha de conhecimentos e experiências. Sem a colaboração e o envolvimento de vocês, este projeto não teria sido possível.

À Comissão Pastoral da Terra (CPT-Cajazeiras), pelo apoio e incentivo para iniciarmos a pesquisa. Especialmente a Cícera Cecília Coordenadora da CPT – Sertão.

À UFCG e a PROEX pela concessão da bolsa por meio da chamada PROBEX 002/2023 PROBEX/UFCG.